

**VEREADORA KAREN SANTOS (PSOL) – Comunicação de Líder:**

Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores, público que nos assiste pela TVCâmara; inscrevo-me no período de liderança para refletir sobre uma situação que balizou um pouco a opinião pública da cidade, sobretudo no final de semana. Sexta-feira, a gente teve a noite mais fria do ano em Porto Alegre e, por um lado, a gente teve uma iniciativa muito bacana e importante da diretoria de inclusão social do Internacional, que, junto com as torcidas organizadas, organizaram

uma rede de solidariedade ativa não só nas redes sociais, colocando o problema estrutural hoje que é a situação da população de rua da cidade, mas fazendo o acolhimento ali de cerca de 300 pessoas em situação de rua, que foram abrigadas dentro do Gigantinho. Uma solidariedade que, no nosso entender, é importante, porque humaniza, a gente consegue tratar da empatia, algo que está tão em risco hoje nesta sociedade individualista, meritocrática, que faz a gente, muitas vezes, não reconhecer o outro como ser humano e que tem que ter a sua dignidade respeitada. Por um outro lado também, vem à tona uma discussão de uma Prefeitura que está cada vez mais omissa com essa situação estrutural e que só aumenta. Não existem dados específicos, os últimos dados que a gente tem são de 2016, numa parceria da UFRGS com a FASC; em 2016, a gente tinha 2.115 pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre. A RBS, neste final de semana, notificou cerca de 4 mil pessoas em situação de rua. Ou seja, na gestão Marchezan, o número dobrou. No caso específico do Gigantinho, a gente viu ali 300 pessoas sendo acolhidas, o que não significa nem 10% dessa margem gritante e que só aumenta, porque é uma situação estrutural que se aprofunda. O Marchezan declarou guerra aos serviços públicos da cidade em detrimento de estar declarando guerra aos problemas sociais que geram toda essa desigualdade.

A gente teve, sexta-feira, a morte do jornalista Cleber Luís Costa da Silva. Ele era um jornalista em situação de rua. Isso dialoga muito com o senso comum das pessoas que, muitas vezes, colocam: “Bah, todo morador de rua é viciado; todo morador de rua está na rua porque quer; todo morador de rua não se dá bem em albergue.” Muitas vezes, a gente não reflete todo esse contexto: infelizmente, a gente vive numa sociedade que não garante oportunidade igual para que todas as pessoas consigam competir, se desenvolver. E a lógica meritocrática cai por terra nesse sentido. O jornalista Cleber Luís

é um de milhares e milhares de vítimas, e a tendência é aumentar. A gente saúda muito a iniciativa das ONGs, das entidades filantrópicas, dos coletivos, de todos mundo que está colocando a mão na massa mesmo para tentar, de alguma forma, amenizar essa situação. O caso específico do Gigantinho: 300 pessoas, na sexta-feira, mas, logo na sequência, 7h da manhã do dia de sábado, essas pessoas tiveram que retornar para a situação de rua, e hoje elas estarão na rua, amanhã elas estarão na rua, e segue o frio. Não é porque são três, quatro ou cinco graus que a gente não tem que pensar numa política estrutural de acolhimento. Também tem a questão dos abrigos: na semana passada o Ver. Prof. Alex usou a tribuna para denunciar o fechamento do único abrigo-família do Município de Porto Alegre. A gente tem três abrigos hoje, qual é a condição do abrigo para estar recebendo essas famílias? Para a gente ter essa noção, a gente tem que dialogar, sobretudo com o movimento nacional da população de rua que vem atuando, inclusive, contra o fechamento do restaurante popular, pensando numa lógica mais humanizada do atendimento e acolhimento dessas pessoas. A gente tem que dialogar com essas pessoas, as respostas não vão cair nas nossas cabeças, nas dos especialistas que não entendem nada da vivência de quem mora nas ruas, pessoas que estão há 30, 40, 50 anos em situação de rua, muitas vezes estão vinculadas com uso de drogas. Não é assim, simplesmente numa medida truculenta, tal qual estamos vendo por parte da guarda, da polícia, retirando as pessoas de alguns viadutos da cidade. A gente precisa de diálogo e política pública com urgência! A gente tem aí seis mil imóveis do Município, hoje, que não estão sendo usados. Como a gente consegue fazer com que esses seis mil imóveis do Município – inclusive tem projeto de lei aqui nesta Câmara para vender esses ativos – sejam revertidos para esse uso social? Dá e sobra para o problema de moradia hoje na cidade. A questão de moradia, a questão de emprego e, emergencialmente, a gente precisa pensar a questão da política de abrigo, de acolhimento, qualificação das equipes técnicas que fazem esse acolhimento e equipamento público, para ter um carro, para ter uma cesta básica. Boa parte da FASC hoje é terceirizada, e a Prefeitura desconhece isso quando coloca a culpa do mau atendimento nos servidores públicos.

A gente precisa refletir esse todo, está mais do que na hora, e a morte do Cleber Luís Costa da Silva é de responsabilidade da negligência da Prefeitura. Desde o início do ano a gente está falando: “Vai morrer gente!” Em 2016, morreu; em 2017, morreu; e,

infelizmente, este ano novamente. A gente está vendo uma situação de calamidade pública, as pessoas tendo que se movimentar por conta, e nenhuma resposta por parte da Prefeitura de Porto Alegre nesse sentido.

(Texto sem revisão final.)